
o verde-oliva

Centro de Comunicação Social do Exército | Brasília, Novembro 1983 | Ano XI | Nº 92

Centenário do Nascimento



1883 — MARECHAL MASCARENHAS DE MORAES — 1983
Comandante da Força Expedicionária Brasileira

As Bandeiras Históricas do Brasil

As Bandeiras Históricas do Brasil são pavilhões que, em épocas remotas da formação e consolidação da nacionalidade, foram empunhados com energia e defendidos com dignidade e bravura pelos soldados que nos precederam, na tarefa gloriosa de lutar pela integridade moral e material de nossa Pátria. Na história de cada uma dessas bandeiras que vamos apresentar, encontraremos um pouco da argamassa usada para, através de quatro séculos e meio, lentamente, trabalhosamente, levantar-se a estrutura da Pátria Brasileira. E, cada uma dessas bandeiras, em ocasiões várias, já sentiu seu pano embeber-se no sangue quente dos patriotas. Sua história é a história do nosso Brasil.



1. Bandeira da Ordem de Cristo (1332 a 1651)

A Ordem de Cristo, rica e poderosa, patrocinou as grandes navegações lusitanas e exerceu grande influência nos dois primeiros séculos da vida brasileira. A cruz de Cristo estava pintada nas velas da frota cabralina e o estandarte da Ordem esteve presente ao descobrimento de nossa terra, participando das duas primeiras missas e foi conduzido pelas Entradas e Bandeiras. Os marcos, que assinalavam a posse da terra, traziam de um lado o escudo português e, do outro, a Cruz de Cristo, para significar que "as terras pertenciam ao Rei para a difusão da fé".



2. Bandeira Real (1500 a 1521)

Era o pavilhão oficial do Reino português na época do descobrimento do Brasil e presidiu a todos os acontecimentos importantes havidos em nossa terra até 1521. Como inovação apresenta, pela primeira vez, o escudo na Bandeira de Portugal.



3. Bandeira de D. João III (1521 a 1616)

O lábaro desse soberano, cognominado o "Colonizador", tomou parte em importantes eventos de nossa formação histórica, como as expedições exploradoras e colonizadoras, a instituição do Governo Geral na Bahia em 1549 e a posterior divisão do Brasil em dois Governos, com a outra sede no Maranhão.



4. Bandeira do Domínio Espanhol (1616 a 1640)

Este pendão, criado em 1616, por Felipe II da Espanha, para Portugal e suas colônias, assistiu às invasões holandesas no Nordeste e ao início da expansão bandeirante, propiciada, em parte, pela "União Ibérica".



5. Bandeira de D. João IV (1640 a 1683)

Também conhecida como "Bandeira da Restauração", foi instituída, logo após o fim do domínio espanhol, para caracterizar o ressurgimento do Reino lusitano sob a Casa de Bragança. O fato mais importante a que presidiu foi a expulsão dos holandeses de nosso território. A orla azul alia à idéia de Pátria o culto de Nossa Senhora da Conceição, que passou a ser padroeira de Portugal no ano de 1646.



6. Bandeira do Principado do Brasil (1645 a 1816)

Foi o primeiro pavilhão elaborado especificamente para o Brasil. D. João IV conferiu, a seu filho Teodósio, o título de "Príncipe do Brasil", distinção transferida aos demais herdeiros presuntivos da Coroa lusa. A esfera armilar de ouro passou a ser representada, a partir de 1647, nas bandeiras de nosso país, nas moedas aqui cunhadas ou destinadas ao Brasil e nos nossos selos.

Síntese Biográfica



Marechal JOÃO BAPTISTA MASCARENHAS DE MORAES

- Nasceu em SÃO GABRIEL, Estado do RIO GRANDE DO SUL, em 13 de novembro de 1883.

- Ingressou, como Cadete, na Escola Preparatória e de Tática de RIO PARDO — RS, em 1.º de abril de 1899.

- Cadete da Escola Militar do Brasil (Escola da Praia Vermelha), em março de 1902, no RIO DE JANEIRO — RJ.

- Alferes-aluno em 23 de agosto de 1905.

- Cursos:

— das Três Armas, Estado-Maior e Engenharia Militar, Aperfeiçoamento (Classificação Muito Bem — 1.º lugar) e Revisão de Estado-Maior (Classificação Muito Bem — 3.º lugar).

- Bacharel em Matemática e Ciências Físicas.

- Promoções:

— 2.º Tenente em janeiro de 1907.
— 1.º Tenente em 9 de junho de 1910.
— Capitão em 5 de novembro de 1918.
— Major, por merecimento, em 3 de julho de 1923.
— Tenente-Coronel, por merecimento em 26 de janeiro de 1928.
— Coronel em 17 de dezembro de 1931, por merecimento.
— General-de-Brigada em 15 de novembro de 1937.
— General-de-Divisão em 24 de maio de 1942.

— Recebeu honras de Marechal do Exército da Assembléia Constituinte, em 16 de setembro de 1946.

— Investido no posto de Marechal, pelo Congresso Nacional em 12 de dezembro de 1951, com reversão à ativa e permanência concedida até à morte.

- Unidades em que serviu:

— 1.º Regimento de Artilharia de Campanha (SÃO GABRIEL — RS), entre 1905 e 1906.

— 6.º Batalhão de Artilharia de Posição — Fortaleza de SÃO JOÃO, de 1906 a 1907, RIO — RJ.

— 1.º Regimento de Artilharia Montada — RIO — RJ, de 1915 a 1916.

— 3.º Grupo de Obuses 105 — RIO — RJ, entre 1916 e 1918.

— 1.º Regimento de Artilharia Montada, RIO — RJ (1921 a 1923)

— Escola de Aviação Militar — RIO — RJ, em 1923.

— 1.º Regimento de Artilharia Montada (RIO — RJ), entre 1923 e 1927.

— 1.º Grupo de Artilharia Montada (Rio — RJ), entre 1927 e 1928.

— 9.º Regimento de Artilharia Montada (CURITIBA — PR), de 1928 a 1929.

— 6.º Regimento de Artilharia Montada (CRUZ ALTA — RS), durante o ano de 1930.

- Comandos:

— 1.º Regimento de Artilharia Montada — Vila Militar (RIO — RJ)
— 9.º Regimento de Artilharia Montada (CURITIBA — PR)
— Escola Militar do Realengo (RIO — RJ)
— 9.ª Região Militar (CAMPO GRANDE — MS)
— Artilharia Divisionária da 1.ª DI (RIO — RJ)
— 7.ª Região Militar (RECIFE — PE)
— 2.ª Região Militar (SÃO PAULO — SP)
— 1.ª Divisão de Infantaria Expedicionária.

segue



Vista parcial da "Exposição Marechal Mascarenhas", composta de parte de acervo do Museu João Pedro Nunes e de particulares, montada numa sala da casa onde nasceu o Comandante da FEB, cedida, especialmente, por sua proprietária, dona Maria Isabel Rodrigues Pereira. Ao fundo, troféus alemães, onde aparece uma das bandeiras da 148.ª Divisão nazista, aprisionada pelos brasileiros

- **Outras Comissões:**

— Comissão de Limites com a BOLÍVIA, em MATO GROSSO, de 1907 a 1908.

— Comissão Construtora do Forte de COPACABANA em 1910.

— Comissão de Limites com a BOLÍVIA, no AMAZONAS, entre 1910 e 1914.

— Serviu no Estado-Maior do Exército (RIO — RJ), entre 1918 e 1920.

— Chefe de Gabinete do Departamento do Pessoal da Guerra, de 1932 a 1934.

— Diretor-Geral do Ensino da Escola das Armas — Vila Militar (RIO — RJ), entre 1934 e 1935.

— Embaixador Especial do BRASIL à posse do Presidente do PERU, em julho/agosto de 1945.

— Chefe da Comissão de Oficiais Brasileiros em visita aos Teatros de Operações da EUROPA, a convite do Governo dos EUA, de setembro a novembro de 1945.

— Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas de 06 de janeiro de 1953 a 25 de agosto de 1954.

— Chefe da Delegação Brasileira à coroação da Rainha ELIZABETH II da INGLATERRA.

— Delegado do BRASIL à X Conferência Interamericana em CARACAS, de 25 de fevereiro a 23 de março de 1954.

- **Participação na 2.ª Guerra Mundial:**

1 — Funções exercidas durante a Segunda Guerra Mundial:

— Comandante das 7.ª e 2.ª Regiões Militares, no BRASIL;

— Delegado do Governo Brasileiro junto ao Comando Aliado do Teatro de Operações da ITÁLIA;

— Comandante da Força Expedicionária Brasileira;

— Comandante da 1.ª Divisão de Infantaria Expedicionária, durante toda a Campanha da ITÁLIA.

2 — Operações em que tomou parte:

— MONTE CASTELLO, CASTELNUOVO, MONTESE, COLLECCHIO e FORNOVO.

3 — Entrada no Teatro de Operações da ITÁLIA em 16 de julho de 1944.

4 — Regresso ao BRASIL em 6 de julho de 1945.

- **Condecorações:**

— Medalha de Campanha (Br), Grã-Cruz da Ordem do Mérito Militar (Br), Medalha de Ouro (40 anos de serviço) (Br), Medalha Cruz de Guerra com Palma (FRANÇA), Grã-Cruz da Ordem do Mérito Naval (Br), Grande Oficial da Ordem do Mérito Aeronáutico (Br), Medalha de Campanha Bronze Star (EUA), Grã-Cruz da Ordem Nacional do Mérito (Br), Grande Oficial da Legião do Mérito (EUA), Grã-Cruz da Legião de Honra (FRANÇA), Grande Oficial de Mais Excelente Ordem (Império Britânico), Grã-Cruz da Ordem de Leopoldo II (BELGICA), Medalha de Ouro — Croce Lateranense (VATICANO), Grã-Cruz, com Palma, da Ordem Militar de Cristo (PORTUGAL), Grã-Cruz da Ordem do Mérito Militar (PORTUGAL), Grã-Cruz da Ordem do Mérito da República Italiana, Grande Oficial da Ordem Nacional do Mérito (PARAGUAI), Grã-Cruz da Ordem Militar de Ayacucho (PERU), Grã-Cruz da Ordem Rubén Darío (NICARÁGUA) e Ordem da Coroa (ITÁLIA).

- **Títulos Honoríficos:**

— Doutor honoris causa pela Universidade de SÃO PAULO, Sócio honorário do Instituto de Geografia e História do Brasil, Membro da Junta Interamericana de Defesa, Membro honorário do Instituto Internacional dos Ideais Americanos (Grupo América), Cidadão honorário das Cidades de FLORENÇA (ITÁLIA), RIO DE JANEIRO, RECIFE, CURITIBA, SÃO LOURENÇO e JUIZ DE FORA. Presidente de Honra do Clube Militar.

- Morreu em 17 de setembro de 1968.



Monumento aos Expedicionários. Ao centro, circundado pelo arco do triunfo, o busto do Marechal Mascarenhas. Está situado na Praça Dr. Fernando Abbott, a principal de São Gabriel

A infância de um menino pobre



Casa n.º 475 onde nasceu o Marechal Mascarenhas, situada à rua que leva seu nome, em São Gabriel — RS. A fachada permanece a mesma, com leves modificações

JOÃO BAPTISTA MASCARENHAS DE MORAES aprendeu as primeiras letras em São Gabriel -RS. com a professora dona Amélia Gomes da Silveira, a quem sempre recordou com saudade e ternura, exaltando-a como "moça inteligente e severa", frisando, com gratidão, ter dela recebido não só o ensino na leitura, mas, ainda, "os exemplos das mais dignas maneiras".

Durante a sangrenta Revolução Federalista de 1893, sua família premida por circunstâncias adversas foi obrigada a mudar-se para PORTO ALEGRE, com grandes prejuízos dos recursos comerciais que possuía.

Na Capital do Estado, com apenas dez anos de idade, veio conhecer o que ele chamou de "atribulações de menino pobre", assumindo encargos de adulto, a fim de ajudar na despesa da família. Sua mãe, dona Manuela (Siá Meca, na intimidade), "fazia pão em casa", cuja massa ele tinha de ajudar a sovar, subindo num caixote à altura da mesa. Depois saía com um balaio enfiado nos braços, para vender pão de porta em porta, onde aprendeu, com o labor diário, a arte de vencer no jogo da vida por seus próprios méritos. Enquanto isso, seu pai percorria o interior do Estado, com o modesto emprego de caixeiro-viajante.

Impelido, interiormente, por uma forte inspiração do seu destino, auxiliava na manutenção do lar e estudava, buscando, através do caminho da cultura, o segredo da auto-realização, que tem gerado os expoentes das civilizações, que compõem os valores imortais da humanidade.

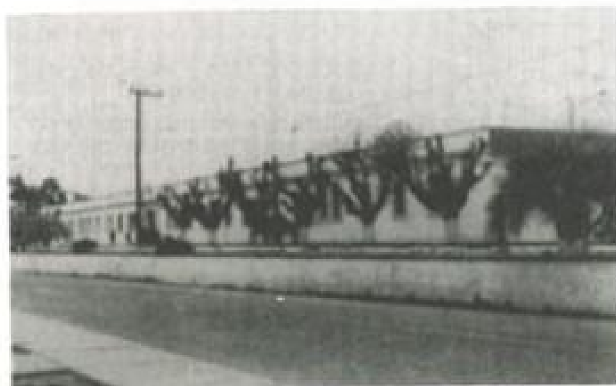
Após a pacificação do RIO GRANDE DO SUL, em fins de 1895, voltou sua família, no ano de 1898, para SÃO GABRIEL, onde seu pai tornou a se estabelecer com uma pequena casa comercial. Nessa época, o futuro Marechal contava, apenas, 14 anos de idade. Não pôde ele acompanhar seus pais porque se achava empregado e estudando para matricular-se na Escola Preparatória e de Tática de RIO PARDO, celeiro de grandes individualidades brasileiras.

Em suas "Memórias", o Marechal Mascarenhas evoca sua cidade, descortinando-a ao longe, com as memoráveis paradas militares que o deslumbravam pelo "brilho das espadas e o vibrar dos clarins", despertando-lhe a vocação latente pela carreira das armas, que soube servi-la com lealdade e devoção de elevado patriotismo. Já estava agindo nele o impulso inspirador da sua predestinação, pois não possuía linha hereditária de tradições das famílias de ilustres soldados.

(Colaboração do historiador gabrielense OSÓRIO SANTANA DE FIGUEIREDO)



São Gabriel (abril — 1946) — Arco do triunfo erguido na Avenida Julio de Castilhos, por onde passou o ilustre filho da terra, em visita a sua cidade, após a Campanha da Itália. (Obra do então soldado José Dinarte Rodrigues, que também bateu esta foto)



Fachada frontal do quartel do 6.º BECmb, o mais antigo quartel do Rio Grande do Sul. Aqui foi a primeira caserna do Marechal Mascarenhas, como Oficial (Alferes-aluno), onde servia de 16 de outubro de 1905 a 9 de novembro de 1906

EVENTOS DA FEB

1943

MARÇO

15 — O Presidente da República aprova a criação e preparação do Corpo Expedicionário Brasileiro.

AGOSTO

9 — Publicam-se as normas gerais para a estruturação do Corpo Expedicinário Brasileiro e a 1.ª Divisão de Infantaria Expedicionária — (1.ª DIE)

10 — O Gen Div JOÃO BAPTISTA MASCARENHAS DE MORAES aceita convite do Ministro da Guerra para comandar a 1.ª DIE

SETEMBRO

29 — Publicam-se as Diretrizes para a instrução dos quadros e da tropa do Corpo Expedicionário Brasileiro

OUTUBRO

7 — O Gen MASCARENHAS DE MORAES, designado para organizar a 1.ª DIE, inicia os trabalhos no RIO DE JANEIRO/RJ

OUTUBRO/DEZEMBRO

— Trabalhos de organização da 1.ª DIE



1944

JANEIRO

10 — Início do primeiro período de instrução da 1.ª DIE

JANEIRO/MAIO

— Prosseguem os trabalhos de organização e a instrução da 1.ª DIE

JUNHO

3 — Fim do 1.º período de instrução da 1.ª DIE

5 — Início do 2.º período de instrução da 1.ª DIE

28/30 — Embarque do 1.º Escalão, no porto do RIO DE JANEIRO.

JULHO

1 — Término do embarque do 1.º Escalão

2 — Partida do navio "General Mann", conduzindo o 1.º Escalão

16 — Chegada a NÁPOLES/ITÁLIA e início do estacionamento em BAGNOLI (NÁPOLES)

19 — É hasteada a Bandeira Nacional pela primeira vez em solo europeu, pelo Gen Div MASCARENHAS DE MORAES (Estacionamento de BAGNOLI)

AGOSTO

1/4 — Deslocamento para TARQUÍNIA.

4 — Início do estacionamento em TARQUÍNIA

5 — A 1.ª DIE é incluída no V Exército norte-americano.

18/20 — Deslocamento para VADA

20 — Início do estacionamento em VADA

25 — Celebração do Dia do Soldado em VADA. Primeiro desfile na ITÁLIA

segue



SETEMBRO

6 — A 1.ª Companhia de Engenharia do 9.º BE passa à disposição do IV Corpo de Exército norte-americano. É a primeira tropa brasileira a cumprir missão em território italiano

7 — Comemoração do Dia da Independência em VADA

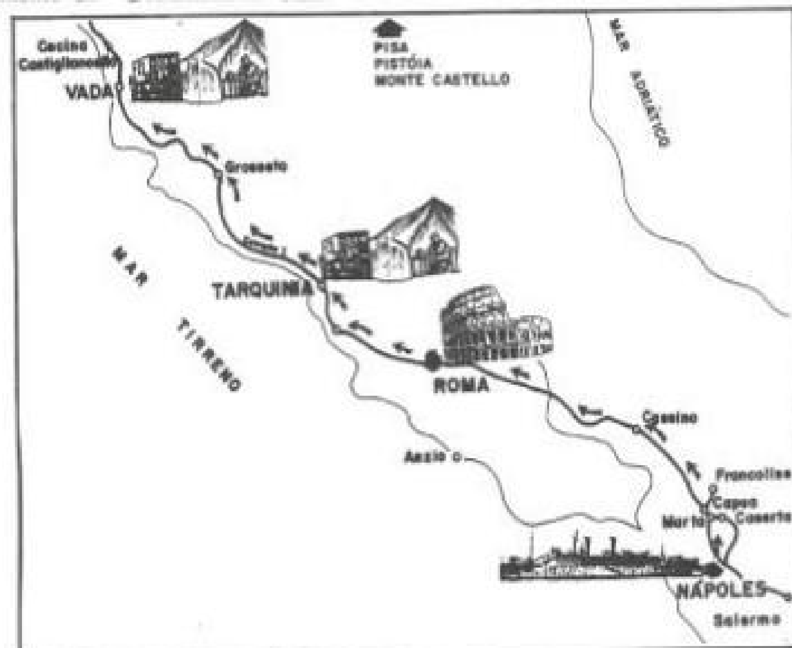
11 — Organização do "Destacamento FEB", sob o comando do Gen EUCLYDES ZENÓBIO DA COSTA

13 — Estacionamento do "Destacamento FEB" em OSPEDALETO, subordinado do IV Corpo de Exército

15 — Entrada em linha do Destacamento FEB na região de VECCHIANO, ao norte do Rio ARNO (Linha Gótica)

16 — Captura das localidades de MASSAROSA e BOZZANO pelo Destacamento FEB

— Início do acampamento da 1.ª DIE nos arredores de PISA



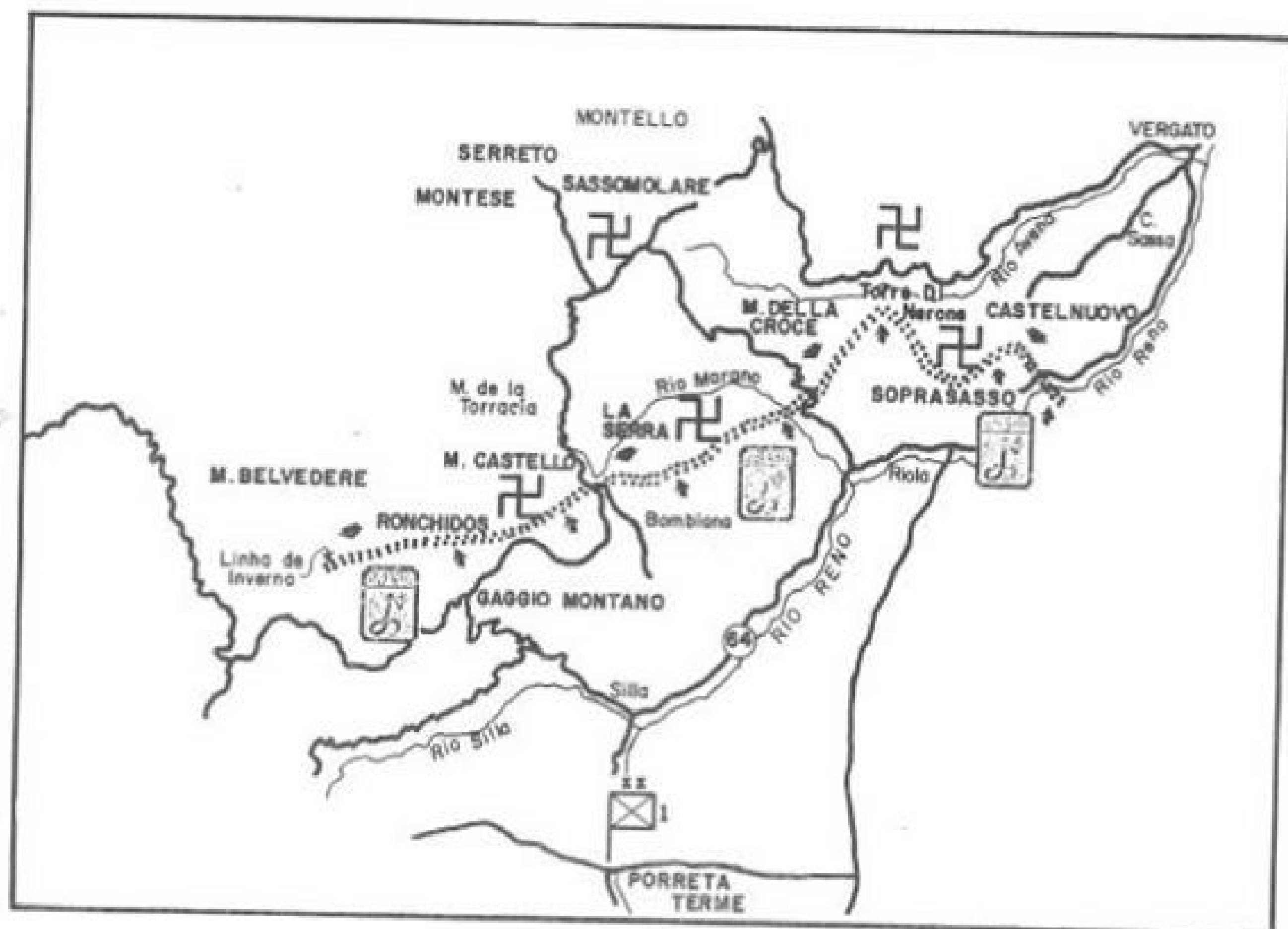
segue



18 — Tomada de CAMAIORE pelo Destacamento FEB
22 — Partem do RIO DE JANEIRO os navios que conduzem os 2.º e 3.º Escalões
26 — O Destacamento FEB conquista MONTE PRANO

OUTUBRO

1/2 — Rocada do Destacamento FEB para o Vale do Rio SERCHIO
6 — Captura da localidade de FORNACI pelo Destacamento FEB, com importante fábrica de munição
— Chegada a NÁPOLES dos navios que conduzem os 2.º e 3.º Escalões,
11 — As localidades de BARGA e GALLICANO são capturadas pelo Destacamento FEB
12 — Chegam aos arredores de PISA os 2.º e 3.º Escalões
30 — O Destacamento FEB atinge a linha geral LAMA DI SOTTO — SAN QUIRICO.



segue

NOVEMBRO

1 — O Comandante da 1.ª DIE assume o controle da totalidade dos seus meios, incluindo o Destacamento FEB

1/2 — Rocada do Destacamento FEB para o Vale do Rio RENO

4 — Instalação do QG Avançado da 1.ª DIE em PORRETA TERME (Vale do RENO)

9 — O Gen MASCARENHAS DE MORAES assume o comando do Setor MARANO — RIOLA

— Instalação do QG Recuado em PISA

17 — Ampliação do Setor Defensivo da 1.ª DIE, passando os limites a ser a Estrada 64 (PORRETA — BOLONHA) e o Rio MARANO

19 — Início do reajustamento da 1.ª DIE no Vale do Rio Reno

23 — Parte do RIO DE JANEIRO o 4.º Escalão

24/25 — Primeiro e segundo ataques a MONTE CASTELLO por forças norte-americanas contando com elementos brasileiros

26 — Nova ampliação do Setor da 1.ª DIE com a inclusão de MONTE CASTELLO

— Revertem à Divisão os elementos à disposição dos norte-americanos

28/29 — Os alemães desalojam tropas norte-americanas que ocupavam MONTE BELVEDERE, em nosso flanco

29 — Primeiro ataque brasileiro a MONTE CASTELLO

DEZEMBRO

1 — Conclusão do reajustamento da 1.ª DIE no Vale do RENO

6 — Início dos bombardeios da Artilharia Brasileira sobre MONTE CASTELLO

7 — Chegada a NÁPOLES do 4.º Escalão

12 — Segundo ataque brasileiro a MONTE CASTELLO

1945

JANEIRO

— Manutenção da "linha de inverno"

FEVEREIRO

8 — Parte do RIO DE JANEIRO o 5.º Escalão

21 — Conquista de MONTE CASTELLO

22 — Chegada a NÁPOLES do 5.º Escalão

23 — Conquista de LA SERRA

28 — Chegada a LIVORNO do 5.º Escalão

MARÇO

3/4 — Limpeza do Vale do Rio MARANO e captura de SANTA MARIA VILLIANA e ROCA POTIGLIANA

5 — Conquista de CASTELNUOVO

10/16 — Rocada da 1.ª DIE do Vale do Rio RENO para o Vale do Rio PANARO

ABRIL

11 — Instalação do QG Avançado da 1.ª DIE em GAGGIO MONTANO

14 — Conquista de MONTESE

15 — Conquista de PARAVENTO e MONTE BUFFONE

21 — Conquista de ZOCCA

23 — Ocupação de VIGNOLA, SASSUOLA e localidades vizinhas

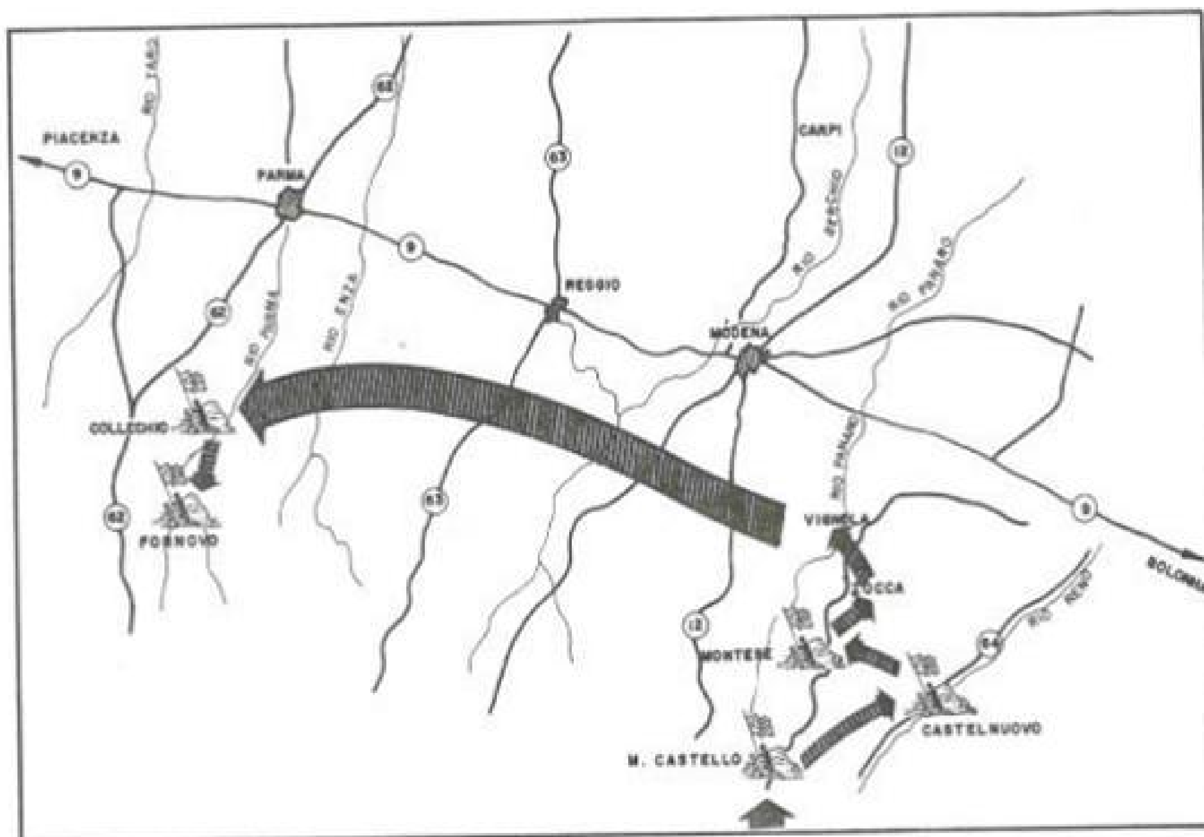
— QG Avançado em VIGNOLA

26 — Início, ao entardecer, do combate de COLLECCHIO

— QG Avançado em MONTECCHIO EMILIA

— QG Recuado em VIGNOLA

27 — Vitória brasileira em COLLECCHIO



segue

— Início do movimento ofensivo contra RESPICCIO
28 — Vitória brasileira em FORNOVO
29 — Rendição da 148.ª DI alemã, e dos remanescentes da 90.ª Divisão Motorizada alemã e da Divisão Itália

MAIO
2 — Cessação das hostilidades em território italiano
3 — Início da ocupação militar pela 1.ª DIE
8 — Término da guerra na EUROPA

JUNHO
6 — Deslocamento da 1.ª DIE para o estacionamento de FRANCOLISE
20 — Fim da ocupação militar atribuída à 1.ª DIE

JULHO
6 — Partida de NÁPOLES para o BRASIL (primeiros elementos)
18 — Chegada ao RIO DE JANEIRO (primeiros elementos)
— Desfile da tropa

AGOSTO/SETEMBRO
— Regresso de diversos grupamentos

OUTUBRO
3 — Chega ao RIO DE JANEIRO o último grupamento da FEB.

POSTOS	OFICIAIS			TOTAL
	Ativa	R1	R2	
	Quant.	Quant	Quant	
GENERAIS	4	—	—	4
CORONÉIS	12	—	—	12
TENENTES-CORONÉIS	32	—	1	33
MAJORES	102	—	6	108
CAPITÃES	299	1	12	312
TENENTES (1ºs e 2ºs)	463	129	331	923
ASPIRANTES A OFICIAL	45	—	102	147
SOMA	957	130	452	1.539



Marechal João Baptista Mascarenhas de Moraes

Há um século nascia, em SÃO GABRIEL — RS, o Marechal JOÃO BAPTISTA MASCARENHAS DE MORAES.

Para bem compreender a histórica travessia, que um dia empreendeu o jovem cadete da Escola Militar do RIO PARDO, é mister perceber toda a mística de uma vida de integral devotamento à Pátria.

Na singular personalidade, plasmada na vivência de sessenta e cinco anos votados ao Exército, transfiguram-se o valor do militar e a virtude do cidadão, que arrostou incólume as vicissitudes das crises políticas e emergiu heróico da cruel provação dos campos de batalha.

A transcendência do evento que hoje o BRASIL evoca, reverente e jubiloso, alça-se além das fronteiras do mero fato histórico. Insere-se, com justiça, no rol das efemérides essenciais da nacionalidade, onde se perfilam os vultos luminares da Pátria, pois que MASCARENHAS desponta, em nosso século, como uma de suas figuras mais representativas.

Ao respeito e admiração dos contemporâneos soma-se o preito de gratidão dos pósteros aos valiosos ensinamentos e aos vívidos exemplos, que generosamente semeou em sua longa existência de oitenta e quatro anos.

A destacada ação de comando à frente da FEB, resultante de excepcionais qualidades de soldado, é, acima de tudo, o inequívoco ápice de uma carreira edificada na exação no cumprimento do dever, na lúcida compreensão da responsabilidade sem vacilações, na humildade, na simplicidade e na justiça.

O galardão maior recebeu-o do povo brasileiro, grato e orgulhoso, que através do Congresso Nacional concedeu-lhe a honrosa investidura de Marechal do Exército, na ativa, até o término de seus dias.

A INTENTONA COMUNISTA DE 1935



Serão bombardeados os rebeldes!

O governo mandou a aviação e a artilharia atacar os Insurrectos de Recife





1. PRÓLOGO

Todos os anos, no dia 27 de novembro, a Nação Brasileira reverencia as vítimas da Intentona Comunista de 1935.

INTENTONA, intento louco, plano insensato ou tentativa de revolta foi o que então ocorreu em NATAL, RECIFE, e RIO DE JANEIRO. Um bando de maus brasileiros, alucinados pela doutrina marxista-leninista, tentou conquistar o poder pela violência e pela traição, para subjugar nosso País ao comunismo internacional.

Justo é rendermos um preito de gratidão aos bravos que doaram suas vidas para preservar-nos o BRASIL livre, soberano e cristão. Indispensável se torna, também, reviver as admiráveis lições de abnegação, estoicismo e devotamento à Pátria que nos deixaram. Acima de tudo é imperioso que, recordando aquele lamentável episódio, compreendamos a verdadeira face de nosso inimigo permanente.

2. A PREPARAÇÃO

a. Chega ao BRASIL o comunismo

O caráter maligno de um câncer não se configura apenas em seu último estágio. Desde que se insinua no corpo, já traz, em seu microcosmo em expansão, toda a virulência com que busca inexoravelmente a destruição do organismo.

Em 1922, um pequeno núcleo de brasileiros fanatizados fundou o PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO (PCB), jurando eterna fidelidade ao MOVIMENTO COMUNISTA INTERNACIONAL (MCI). Era o embrião do processo canceroso que procurou contaminar a sociedade brasileira com a Intentona de 1935, que retornou insidioso em 1964 e que revelou seu caráter perverso no banho de sangue dos anos de 1968 a 1973.

A exportação da ideologia marxista-leninista para o mundo insere-se no elenco de atos iniciais da Revolução Comunista Russa de 1917. Na época, a Terceira Internacional (COMINTERN) fixou-se como órgão dirigente do MCI.

Os partidos comunistas, que desde então se fundaram, ficavam-lhe atrelados por férreos votos de obediência, representados pelas "21 condições de filiação" ao COMINTERN. Eram rígidas imposições que obrigavam os comunistas estrangeiros a despojar-se de qualquer conceito ético e moral. A renúncia ao patriotismo, a adoção da violência irrestrita figuravam entre os "novos valores", que os reduziam ao estado de subserviência ainda existente em nossos dias.

Na essência, a atuação do PCB nos primeiros anos pouco difere das ações que observamos na atualidade. Hoje, sofistica-se o proselitismo, modernizam-se as táticas, mudam-se os aliados e mascaram-se os desígnios ao sabor do momento. Mas, a base doutrinária permanece intacta e o objetivo último continua a ser tenazmente perseguido: tomar o poder e impor o totalitarismo socialista.

b. Os primeiros tempos

O PCB empreendeu sua expansão infiltrando-se com intensidade, especialmente no meio operário. Os órgãos iniciais de propaganda eram os periódicos "O Movimento Comunista" e a "Classe Operária".

Os primeiros ensaios no campo da agitação ocorreram à conta de comícios, articulação de greves e promoção de reivindicações demagógicas fomentadas pelas organizações comunistas CONFEDERAÇÃO GERAL DOS TRABALHADORES DO BRASIL e FEDERAÇÃO SINDICAL.

As crises político-militares da década de 20 trouxeram o Estado de Sítio ao governo ARTUR BERNARDES, restringindo assim as atividades comunistas.

Em 1927, é suspensa a medida de exceção. A volta às franquias democráticas ocorria em clima ainda de incertezas. A perfeita compreensão dos acontecimentos em curso pela classe política da época evidenciou-se na lei, do mesmo ano, que colocava o PCB na ilegalidade. Os comunistas, como é de seu feitio, já se preparavam para colher frutos promissores naquele ambiente deteriorado. O partido passou a atuar na clandestinidade.

c. A procura de uma liderança

As disputas internas e a limitada penetração popular arrastavam o PCB para os rumos da desagregação. Os dirigentes concentraram-se na busca de um líder providencial que unisse o partido, atraísse as massas, comunicasse uma aura de autenticidade ao movimento que se preparava e liderasse a revolução.

Refugiado na BOLÍVIA e recém-convertido à ideologia marxista-leninista, encontrava-se um ex-capitão do Exército de nome LUIS CARLOS PRESTES. Nos anos 20, integrara um bando de revoltosos perseguido pelas forças legais, durante algum tempo através do BRASIL. O evento carreara-lhe certa notoriedade. O grupo fora cognominado de "Coluna Prestes". Sob a capa de idealista e crítico bem-intencionado do Governo, refugiava-se a personalidade ambiciosa de PRESTES. A dissolução da "Coluna" frustrara-lhe intentos subalternos.

Na concepção dos dirigentes comunistas e do COMINTERN, era a figura que se ajustaria ao esquema, como os fatos subseqüentes demonstraram.

d. A necessidade de uma "Frente"

O III Congresso do COMINTERN em MOSCOU (1921) preconizou uma nova estratégia para a tomada do poder. Haviam fracassado os levantes revolucionários que deveriam marcar a rápida ascensão do comunismo na EUROPA. Renunciava-se assim à imediata comunização dos países europeus e do mundo. A ênfase recaía sobre as formas não-tradicionais de guerra, em especial a propaganda e a guerra política. A utilização de "Frentes" passou a ser encarada como valioso instrumento no novo contexto. O grande valor destas organizações consistia em operar em áreas, nas quais o partido não poderia funcionar abertamente.

segue

Sua criação visava unir politicamente indivíduos e grupos, de tendências diversas, na busca de soluções para problemas econômicos, sociais e políticos. Ao grupo heterogêneo que se formava, poderiam aderir liberais, cristãos, socialistas, democratas e mesmo anarquistas ou quaisquer outras correntes. A mobilização assentava-se na hábil exploração de aspirações, ideais, frustrações ou necessidades de mais urgente atendimento.

Aos comunistas incumbia cooperar temporariamente com forças opostas e aglutiná-las através de acordos, concessões ou conchavos. Cabia-lhes, ainda, a fundamental tarefa de manipular os destinos da "Frente" na direção do objetivo final do partido.

Estas organizações vêm se sucedendo, através dos tempos, a nível nacional ou internacional e sob denominações variadas: "Frente Unida", "Frente Popular", "Frente Sindical", "Frente Parlamentar", "Frente Interpartidária" e outras similares, que vemos em franca atividade nos dias atuais.

e. A Aliança Nacional Libertadora (ANL)

A adesão de PRESTES franqueara ao comunismo algumas vias de penetração na sociedade, inclusive no seio das Forças Armadas. Ainda na clandestinidade, o partido experi-



O GLOBO

3ª 3ª

Sessenta mortos e mais de duzentos feridos em Recife

Presos e não refugiados a bordo do «Santos» os rebeldes, segundo adeantam os ultimos informes de Natal

mentava uma fase de significativo desenvolvimento. Despontavam, também, empecilhos de toda ordem ao sucesso dos planos, ao início da década de 30.

Os dirigentes, dóceis às diretrizes soviéticas, visualizaram a necessidade de criar uma "Frente", que mascarasse a base ideológica e permitisse o trabalho político legal para a conquista do poder.

Em fevereiro de 1935, é lançado o "Manifesto-Programa" da ALIANÇA NACIONAL LIBERTADORA (ANL). Liberal na aparência, continha apelos demagógicos e extremistas às massas. Abstinha-se de revelar o verdadeiro desígnio de implantar o totalitarismo soviético no BRASIL.

Em 30 de março, é lançada publicamente a ANL. Concretizava-se a idéia da "Frente", base de sustentação e instrumento da revolução que estava em marcha.

PRESTES era eleito seu Presidente de honra.

O trabalho da ANL ganhava expressão paulatinamente, inclusive em âmbito internacional. Era apontada pelo COMINTERN como exemplo de "Frente" bem sucedida. Sob o estímulo da euforia soviética foram criadas organizações congêneres no País, como a UNIÃO FEMININA DO BRASIL.

Estabelecia-se o clima propício de agitação. Com a útil cobertura da ANL, o PCB entrou em grande movimentação. Infiltrava-se, aliciava, intrigava, pressionava e conspirava.

A Aliança constituía-se, realmente, no principal vetor da insensata trama que levaria o BRASIL aos sangrentos acontecimentos de novembro de 1935. Sob a máscara de uma sociedade aberta, liberal e democrática, estendia sua ação desagregadora a todos os campos. Exercia proselitismo nas escolas, nos quartéis nas associações profissionais e no seio da população.

f. A subversão no meio militar

Fatores diversos concorreram para que militares, especialmente os jovens, aceitassem o radicalismo comunista como solução. Entre eles, podem-se apontar a insatisfação com os rumos da Revolução de 1930, a pertinaz doutrinação que se valia da inexperiência, da desinformação e do descontentamento, as ardilosas fórmulas de renovação política, econômica e social propostas pelo PCB e até a sedução da imagem promocional de PRESTES.

Às vésperas da Intentona, o número de aliciados nos quartéis era significativo. Células comunistas iam se tornando acintosas nas unidades, principalmente naquelas em que os comandantes não usavam da necessária energia para coibir a ação criminosa.

g. O dedo soviético

Já ao findar 1934, as Conferências Comunistas da GRANDE ÁSIA e da AMÉRICA LATINA haviam decidido desencadear a revolução no BRASIL, mesmo sem condições ideais.

Para preparar, articular e dirigir o movimento armado, o COMINTERN infiltrou no País agitadores internacionais e outros especialistas estrangeiros de seus quadros. Era uma decorrência da certeza de seus próceres de que era preferível uma ação rápida e violenta a um demorado processo subversivo.

h. A decisão final

PRESTES encontrava-se premido pelas injunções do momento político. Externamente, o COMINTERN exigia ação imediata, resolução tomada no VII Congresso, em agosto de 1935.

No âmbito interno, o movimento enfrentava crescente oposição. Em 11 de julho de 1935, o Governo determinara o fechamento da ANL e a dissolução de outras frentes similares.

PRESTES resolveu dar a palavra de ordem da revolução.

Em novembro desencadeou-se a tresloucada Intentona que, malgrado a efêmera duração, deixou à posteridade tristes exemplos de vilania, traição, cinismo e covardia.

O plano previa a execução simultânea de ações subversivas em diferentes pontos do território nacional. A desorganização das ligações gerou a eclosão defasada da revolta.

3. A INTENTONA

a. NATAL/RN

Na noite de 23 de novembro de 1935, a cidade assistiu perplexa ao primeiro ato de rebelião. Militares comunistas apossaram-se, traiçoeiramente do 21.º Batalhão de Caçadores.

A resistência legal, sediada no quartel da Polícia Militar, entrou em colapso na manhã seguinte, após heróico combate.

Desde então, NATAL viveu três dias e três noites de insana violência. Uma malta de criminosos, civis e militares, desandou a perpetrar saques, estupros e assassinatos.

Alegando aclamação do povo, investiu-se como governo um espúrio "Comitê Popular Revolucionário", que passou a comandar a baderna. Seu primeiro decreto ordenava o arrombamento dos cofres dos bancos, das repartições públicas e das empresas particulares, para financiar a desordem.

À contra-revolução, vinda do interior por mãos da liderança civil, somaram-se tropas de ALAGOAS e da PARAÍBA impondo rápida e cabal derrota aos comunistas.

A cidade lamentou os mortos e os feridos da insólita sedição.

segue

b. RECIFE/PE

Já causara comoção, no dia 17 de novembro, o brutal assassinato do tenente comandante de um pelotão que assegurava o tráfego ferroviário entre JABOATÃO e a capital. O tiro fatal partiu de comunistas em greve.

A revolta irrompeu em 24 de novembro, com dois focos principais: o 29.º Batalhão de Caçadores e o Quartel-General da 7.ª Região Militar. À traição e ao preço de covardes homicídios, oficiais e praças comunistas apoderaram-se de aquartelamentos e tentaram conquistar a cidade, com o apoio de civis fanatizados e marginais.

As oportunas medidas tomadas pelo comando legal mantiveram os revoltosos em permanente combate. Protelou-se, assim, a execução do plano comunista, até a chegada de Unidades da PARAÍBA e de ALAGOAS.

A 26 de novembro os comunistas eram vencidos, deixando a testemunhar a selvagem aventura do PCB em PERNAMBUCO o elevado saldo de algumas dezenas de mortos e uma centena de feridos.

c. RIO DE JANEIRO/RJ

Os acontecimentos do NORDESTE envolveram a cidade numa atmosfera de expectativas e incertezas, ensombreada pela onda de boatos, que fixava em 27 de novembro a explosão de uma revolta em vários quartéis.

A rigorosa prontidão determinada pela Região Militar e a imprudência dos militares comunistas, contribuíram para elevar a tensão da tropa.

Na madrugada de 27 de novembro, aconteceu a sedição, concentrada no 3.º Regimento de Infantaria (PRAIA VERMELHA) e na Escola de Aviação (CAMPO DOS AFONSOS).

Apesar das medidas preventivas tomadas pelas autoridades e comandos, uma vez mais a perfídia e a traição ludibriaram a vigilância e a boa-fé dos defensores da ordem e da lei.

Valendo-se de procedimentos escusos e acobertados pela escuridão, militares comunistas tentaram apossar-se das Unidades e partir para a conquista de pontos estratégicos da cidade. Para atingir seus objetivos, não se envergonharam de, covardemente, assassinar companheiros dormindo e desarmados.

Com o Ministro da Guerra à testa da reação e apoiadas na heróica resistência da tropa legal sitiada em seus próprios aquartelamentos, Unidades da VILA MILITAR e de outros pontos da cidade sufocaram o sangrento levante.

Na tarde de 27 de novembro, restavam escombros, mortos e feridos. Permaneceu a triste lembrança de militares indignos que, a expensas de uma potência estrangeira, atentaram contra a liberdade e a soberania do BRASIL.

4. CONCLUSÃO

A breve apreciação acerca dos infaustos dias de novembro de 1935 e da abortada trama que os gerou, buscou traduzir uma perspectiva realística sobre o mal que infortuna a humanidade há mais de meio século: o comunismo.

Não se esgota aqui o rol de indignidades, de deboches, de vilanias e de crimes que se vêm perpetrando em nome de uma pretensa redenção do homem.

A cobertura diária dos acontecimentos que os meios de comunicação levam até as mais esquecidas comunidades, permite-nos visualizar novas encenações do mesmo drama, que vem se repetindo desde 1917. Mudam os atores. O guarda-roupa é renovado. Os cenários se transfiguram. Mas o texto da peça é inalterável. O vilão é o mesmo e as vítimas são incontáveis.

É vital não se iludir com o aparato cênico de motivações humanitárias, direitos violentados, nobres reformas, ajudas desinteressadas e libertações necessárias. Tudo visa travestir de cores sedutoras a negra escravidão em que se debatem povos menos felizes do que o brasileiro.

É importante repisar neste dia 27 de novembro: o inimigo de 1935 não reformulou seus objetivos finais e jamais desistirá de conquistá-los.

Carta da Mãe do Capitão BRAGANÇA aos Comunistas:

"— Belo Horizonte, 4 de fevereiro de 1936.

Desgraçado:

Que fizeste do meu filho?

Que mal te fez êle?

Mataste-o impiedosamente pela tua ambição de riqueza. Ele era um servidor da Pátria que tu traiste, mas não tinha o poder que tu ambicionavas nas tuas mãos.

Assassino.

Mataste meu filho, que aquela hora no cumprimento do seu dever velava, enquanto tu, maldito, demente idealista sacrílego, feria tua — Grande Mãe — Malvado, se tanto podes juntes com tua Madrasta — Rússia — e devolva-me meu filho!

Matricida.

Rasgaste o peito da boa mãe que quatro anos embalou a tua mocidade, dando-te roupas, alimentação, ensinamentos, no meio de centenas de irmãos, ferindo-a no coração.

Covarde.

Nem a morte te quer; tu que venalmente quiseste enfrentar um Exército leal não tens coragem para te matares.

Mata-te, desgraçado, já que traiste mães que soubessem te guiar à senda do bem e que certamente não terá sentimento para chorar a tua perda.

Estas palavras escritas com lágrimas de saudades de meu filho, certamente, te causarão raiva.

O meu filho foi bom em toda a extensão da palavra — filho abençoado, irmão idolatrado.

Viveu feliz 25 anos porque teve educação a par dos seus bons sentimentos; sempre trabalhador, estudioso e leal, — graças a Deus sempre cumpriu com o seu dever e cumprindo o dever morreu.

Eu, no meio da tristeza, da amargura e do sentimento que tenho de não ver mais meu idolatrado filho, sou mais feliz que tua mãe, essa infeliz, se ainda vive, se não a mataste ainda para ver de onde foste gerado.

O meu Benedito é mais feliz do que tu, morreu de consciência tranquila e justo se acha na paz de Deus, e o seu nome na terra é venerado como símbolo.

O Brasil inteiro, e muito especialmente Minas demonstrou nas homenagens que lhe tributaram nos funerais.

E tu, qual será o teu fim?

Certamente na pupila do olho de Moscou.

Demente, olha para o céu, fita o sol se és capaz!

Matricida — pois esta hora tua mãe deve estar morta de dor, que tu lhe causaste.

Traidor.

Assassino.

Maldito, mil vezes maldito.

Ri, desgraçado, das minhas lágrimas, do meu desespero.

(Ass.) Balbina Lopes Bragança".

3: O GLOBO 3:

DEPENDENCIA E MORTE!

Positiva-se a existencia de varios estrangeiros na conspiração que visava o poder no Brasil

O Brasil para Moscou!

A REPÚBLICA

As idéias republicanas germinaram no BRASIL desde os tempos coloniais, inseridas na própria essência da formação da nacionalidade. A Proclamação de 15 de novembro de 1889 representou o clímax de um processo em maturação ao longo de dois séculos.

Tentativas de mutação sobrevieram desde a Revolta dos Mascates, diferenciando-se os postulados sob o influxo da conjuntura interna e da convivência com as estruturas republicanas da AMÉRICA. De caráter libertário ou de fundo separatista, estes movimentos têm merecido destacado registro em nossa História: as Inconfidências Mineira e Baiana, a Revolução Pernambucana de 1817, a Confederação do Equador e a República de Piratini.

O proficiente e relevante desempenho do Império, durante os críticos tempos de afirmação como nação independente e soberana, conduzira a evolução do BRASIL a expressivo estágio na conquista de seus objetivos maiores. Atingira-se adequada estrutura política, com o aperfeiçoamento do sistema parlamentar e a formação de quadros políticos nacionais. Projetara-se o País no foro internacional. E, sobretudo, assegurara-se a unidade nacional, preservando-a das vagas de desagregação que assolavam o continente americano.

As guerras impõem-se como poderoso divisor de águas no caudal político das nações. Até 1870, as intervenções no PRATA resguardavam a soberania, elevando às alturas o sentimento nacional, sem guardar seqüelas que abalassem a vitalidade do trono.

Durante o conflito com o PARAGUAI, refluíram antagonismos latentes à continuidade monárquica, alimentados por correntes oposicionistas em ascensão na área política, nas classes armadas e no meio religioso.

A crise CAXIAS — Gabinete ZACARIAS, quando a guerra caminhava para a real solução, reacendeu nos liberais mais exaltados a contestação à Monarquia. A 3 de dezembro de 1870 vinha a lume o Manifesto Republicano, onde explicitamente era advogada a abolição do Império.



Diz Tobias Monteiro: "Era preciso uma grande audácia e sobretudo um grande prestígio diante da tropa, para arcar contra 67 anos de tradições monárquicas e quase cinqüenta de reinado". Deodoro tinha êsse prestígio. E também a audácia. Sua história era a história do Segundo Reinado, sua autoridade uma garantia de que o País não se dissolveria. Sem Deodoro, a República seria uma aventura militar. Com ele, uma conquista pacífica

Desde o início da década de sessenta, o quadro partidário evoluía para uma composição favorável aos novos rumos. Os agrupamentos políticos da Câmara dos Deputados cindiam os conservadores em extremistas e moderados. Em 1862, subia o gabinete da "Liga", coalização de moderados e liberais. Passou a governar sob o nome de partido progressista, com tendências liberais avançadas, visando especialmente o privilégio imperial do Poder Moderador.

A queda de ZACARIAS, em 1868, por mãos do Imperador, apesar da maioria liberal, trouxe, ao mesmo campo de luta, progressistas e liberais. Era a junção episódica de correntes conflitantes, harmonizadas tão somente por crescente oposição ao monarca. Logo dividiram-se em reformistas e republicanos. Estava criado o espaço político para o vetor do movimento pela queda da Monarquia: o partido republicano.

O Império entrara em rota de colisão com forças vivas e atuantes, amparadas pela defecção paulatina de elementos vitais de sustentação. A Questão Religiosa representou o ponto de inflexão nas relações Igreja-Trono, configuradas por crescente frieza a partir de então.

O problema de CAXIAS com os liberais, durante a guerra de 1864/70, balizou o progressivo afastamento das classes armadas, agastadas pela omissão inicial do trono que levara o valoroso soldado a demitir-se do Comando-em-Chefe. O advento da Questão Militar encontrou ressentimentos adormecidos, que a inabilidade política do Gabinete e o açodamento do Parlamento instigaram à exacerbação.

A propaganda republicana intensificara-se abertamente após o Manifesto. Próceres de significativa penetração popular fomentavam-na em todos os segmentos da comunidade nacional. Agravavam-se as divergências entre a sociedade brasileira e o governo monárquico.

Avizinhava-se o termo. Restava o evento da Abolição, que arrastaria os grandes proprietários a emprestar apreciável apoio aos planos republicanos.

Quando o Gabinete do Visconde de OURO PRETO apercebeu-se da crise, estava em curso o vitorioso movimento sob a liderança do Marechal DEODORO DA FONSECA.

Caíra a Monarquia. Nascia a República.



7. Bandeira de D. Pedro II, de Portugal (1683 a 1706)
Esta bandeira presenciou ao apogeu da epopéia bandeirante, que tanto contribuiu para a nossa expansão territorial. É interessante atentar para a inclusão do campo em verde (retângulo), que voltaria a surgir na Bandeira Imperial e foi conservado na Bandeira atual, adotada pela República.



8. Bandeira Real do Século XVII (Século XVII e início do Século XVIII).
No período em que foi adotada, como pendão oficial lusitano, registraram-se fatos relevantes, como o clímax do ciclo do ouro, a expulsão dos franceses do Rio de Janeiro, as bandeiras de Fernão Dias, Pedro Teixeira e Borba Gato, o crescimento do sentimento nativista. Esta bandeira foi usada durante um longo período da história lusitana, como símbolo oficial do Reino, ao lado dos três pavilhões citados antes, a Bandeira de D. João IV, a do Principado do Brasil e a Bandeira de D. Pedro II, de Portugal.



9. Bandeira do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarve (1816 a 1821).
Criada em conseqüência da elevação do Brasil à categoria de Reino, em 1815, presidiu as lutas contra Artigas, a incorporação da Cisplatina, a Revolução Pernambucana de 1817 e, principalmente, a conscientização de nossas lideranças quanto à necessidade e à urgência de nossa emancipação política. O Brasil está representado, nessa bandeira, pela esfera armilar de ouro, em campo azul, que passou a constituir as Armas do Brasil Reino.

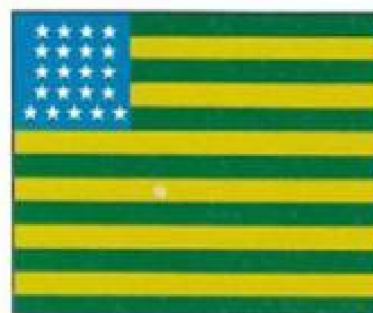


10. Bandeira do Regime Constitucional (1821/1822).
A Revolução do Porto, de 1820, fez prevalecer em Portugal os ideais liberais da Revolução Francesa, abolindo a monarquia absoluta e instituindo o regime constitucional, cujo pavilhão foi criado em 21 de agosto de 1821. Foi a última bandeira lusa a tremular no Brasil e vigorou até a nossa Independência.



11. Bandeira Imperial do Brasil (1822 a 1889).
Criada por Decreto de 18 de setembro de 1822, apenas onze dias depois de proclamada a independência, era composta de um retângulo verde e nele, inscrito, um losango ouro, ficando no centro deste o escudo de armas do Brasil. Embora a concepção artística seja de Debret, é indiscutível a contribuição de José Bonifácio e de D. Pedro I na feitura de nosso pavilhão de nação autônoma. O primeiro, botânico de renome internacional, incluiu os ramos de café e fumo para simbolizar as nossas riquezas e o segundo insistindo na manutenção das cores verde e amarelo e recusando o vermelho, como fundo do escudo, por recordar Portugal.

Tendo permanecido como símbolo de nossa Pátria, durante 67 anos, assistiu ao nosso crescimento como Nação e a consolidação da unidade nacional. No período em que foi a representação de nossa terra, aperfeiçoamos as nossas instituições políticas, progredimos social e economicamente, estabelecemos os contornos definitivos de nossas fronteiras, abolimos a escravidão, instituímos a República e, mesmo com o pesado ônus de vitoriosas guerras externas, solidificamos as bases da nossa nacionalidade.



12. Bandeira Provisória da República (15 a 19 Nov 1889).
Oriunda do Clube Republicano Lopes Trovão, esta bandeira foi hasteada na redação do jornal "A Cidade do Rio", logo após a proclamação da República. Foi, também, içada na Câmara Municipal e no navio "Alagoas", que conduziu a família imperial ao exílio, na Europa. Esta bandeira é uma evidente imitação da dos Estados Unidos, mostrando a influência americana sobre uma das correntes republicanas, por ocasião da implantação do atual regime brasileiro.

1ª DIVISÃO DE EXÉRCITO

DIVISÃO MASCARENHAS DE MORAES

A 1ª Divisão de Exército, Divisão Mascarenhas de Moraes, é um grande Comando Operacional diretamente subordinado ao I Exército, cabendo-lhe inclusive o Comando da Guarnição da Vila Militar, o que lhe confere características bem peculiares. Sua área de influência abrange os Estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo, num total de 89.865 Km^2 com uma população de 14 milhões de habitantes.

Criada por decreto nº 9.350, de 12 de junho de 1946, como 1ª Divisão de Infantaria, teve o seu Quartel-General instalado pelo Aviso Ministerial nº 737, a 14 de junho do mesmo ano, na Vila Militar, cidade do Rio de Janeiro, tendo completado, em 1983, 37 anos de existência.

Suas raízes históricas transcendem, no entanto, a data de sua criação. Elas mergulham no passado longínquo da segunda metade do Século XIX e alicerçam-se em fatos e feitos da história Pátria. Elas nos unem aos sacrifícios, ao heroísmo e ao vigor dos denodados integrantes das mais antigas Unidades formadoras da Divisão, os Regimentos Sampaio, Avaí e Floriano e os Batalhões Tibúrcio e Vilagran Cabrita, veteranos da campanha do Paraguai, herdeiros do valor e da coragem dos aguerridos soldados do Exército Imperial, invencíveis e exemplares na defesa de nossa soberania e na manutenção de nossa integridade territorial.

Em seu acervo de glórias e como permanente fonte de inspiração encontramos o legado daqueles que, integrando os Regimentos Floriano, Avaí e Vilagran Cabrita, curtiram as agruras de Canudos, deram seu testemunho na luta inglória da revolta da Armada e posteriormente enfrentaram, com o sacrifício da própria vida, o assalto do totalitarismo comunista às nossas mais caras instituições cristãs e democráticas.

O apogeu da trajetória gloriosa das Unidades da Divisão está em passado recente, nos registros da 2ª guerra mundial, quando os Regimentos Sampaio e Floriano, os Grupos Montese e Monte Bastione, o Batalhão Marechal Bittencourt e o Esquadrão Tenente Amaro, integrando a 1ª Divisão Expedicionária e compondo a FEB, sob o comando do ínclito Marechal Mascarenhas de Moraes, atravessaram o Atlântico, aportaram na Itália, cerraram fileiras com os aliados na luta contra as ditaduras nazi-fascistas e combateram bravamente nos campos da Itália. E sangraram, e lutaram, e venceram, e legaram-nos compromisso de honra com os princípios de liberdade e de justiça e com os ideais democráticos.

Em um passado bem próximo, completou-se a saga das tropas da Divisão: o Batalhão Avaí e o 57º Batalhão de Infantaria Motorizado(Es) cumpriram, em Gaza, no Oriente Médio, e na República Dominicana, respectivamente, missões de paz, sob a égide de acordos e de organizações internacionais de que nos orgulhamos de pertencer.

Em 1969, pelo Decreto nº 64.402, considerando o interesse de preservar-se o nome do Marechal Mascarenhas de Moraes, associando-o à Grande Unidade da mesma natureza daquela em que se distinguiu como Comandante na 2ª guerra mundial, e considerando ser fator de estímulo e emulação permanente às sucessivas gerações prestar homenagem a valorosos antepassados, foi atribuída à 1ª Divisão de Infantaria, a denominação histórica de "Divisão Mascarenhas de Moraes".



Estandarte – Distintivo da 1ª Divisão de Exército

Finalmente, em 1971, transforma-se a 1ª Divisão de Infantaria em 1ª Divisão de Exército. Reformularam-se o equipamento e armamento, multiplicaram-se suas atribuições, permanecendo incólumes o acentuado amor à Pátria, o respeito às tradições históricas, a vontade inquebrantável de lutar e vencer e a coesão em prol do Exército e do Brasil, que são apanágio de seus integrantes.

No momento, a 13 de novembro, a 1ª DE vive a 37ª Semana de Instrução, última semana do Período de Adestramento Básico, fase de Unidade. Cabe acrescentar que no período de Adestramento Básico foram programados pelas suas diferentes Grandes Unidades e Organizações Militares diretamente subordinadas, da ordem de 650 exercícios de adestramento, abrangendo exercícios de combate, de apoio ao combate e de apoio logístico.

A 1ª Divisão de Exército prepara-se também para participar da 3ª fase do exercício de Grande Comando, a ser realizado no período de 28 de novembro a 02 de dezembro, na região de Campos – Rio de Janeiro, sob a égide do I Exército.

Outra atividade, bastante significativa para o próprio desenvolvimento da instrução da 1ª Divisão de Exército, é o atendimento aos Pedidos de Cooperação de Instrução (PCI) emanados do I Exército, atingindo no corrente ano o atendimento de 296 Pedidos de Cooperação de Instrução (PCI), destes, 76 em proveito da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, 67 para o Centro de Preparação de Oficiais da Reserva do Rio de Janeiro e 49 para a Academia Militar das Agulhas Negras.

O Comando da 1ª Divisão de Exército exerce atividades administrativas pertinentes a um Comando de Guarnição, coordenando, nesse campo as ações de Grandes Unidades e Organizações Militares. Para caracterizar o vulto e a importância dessas atividades, bastaria lembrar que a Guarnição da Vila Militar – Deodoro constitui-se um importante polo de irradiação rodoferroviário ligando-se à Baixada Fluminense, às regiões de Bangu, Campo Grande, Jacarepaguá e Barra da Tijuca.

Alicerçada em seu passado de gloriosas tradições, a 1ª DE continua exercendo seu importante papel de baluarte na defesa de nossa soberania e mantenedora da paz e ordem sociais e integridade territorial.



Fachada do Quartel-General da 1ª Divisão de Exército